

PLATÃO NO *ROLLS-ROYCE*
Ensaio sobre literatura e técnica

Título: PLATÃO NO ROLLS-ROYCE. Ensaio sobre literatura e técnica

Autor: PEDRO EIRAS

Capa: Departamento Gráfico / Edições Afrontamento

Fotografia da capa: Patrícia Lino

Edição: Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa (FLUP) e Edições Afrontamento

Concepção Gráfica: Departamento Gráfico / Edições Afrontamento

N.º de edição: ????

Colecção: Estudos da Literatura Comparada, 11

ISBN: 978-972-36????-?

Depósito Legal: ?????/15

Execução gráfica: Rainho & Neves, Lda. / Santa Maria da Feira
geral@rainhoeneves.pt

Distribuição: Companhia das Artes – Livros e Distribuição, Lda.
comercial@companhiadasartes.pt

?????? de 2015

© Autor, Edições Afrontamento e Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa (FLUP)

Esta publicação é financiada por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia –, no âmbito do projeto «PEST – OE/ELT/UI0500/2013».

Edições Afrontamento, Lda.

Rua Costa Cabral, 859, 4200-225 Porto

www.edicoesafrontamento.pt

comercial@edicoesafrontamento.pt

Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa (FLUP)

www.ilcml.com

Platão no *Rolls-Royce*

Ensaio sobre literatura e técnica

Pedro Eiras

Ele avançou na sua cadeira motorizada que fazia barulho, com toda a lentidão de um doente importante. Quando chegou junto dela, comentou:

– Sir Clifford, no seu corcel que espuma.

– Que relincha, pelo menos! – respondeu-lhe Connie, a rir.

Ele parou e ficou a olhar a fachada da casa, baixa e castanha.

– Wragby nem pestanejou. Nem devia pestanejar! Monto uma obra-prima do espírito humano, que vale muito mais do que um cavalo!

– Também acho. E a alma de Platão, a subir para o céu num carro puxado por dois cavalos, subiria agora num Ford.

– Ou num Rolls-Royce, Platão era um aristocrata.

D. H. Lawrence, *O Amante de Lady Chatterley*

Índice

| | |
|--|-----|
| Nota | 9 |
| I. Jacinto e os livros..... | 11 |
| II. Uma «Ode triunfal» com avaria ao fundo | 37 |
| III. <i>Scherzo</i> com helicópteros..... | 69 |
| IV. Notas para <i>A Moral do Vento, 2</i> | 101 |
| Bibliofilmomusicopictoweografia | 139 |

Nota

Platão no Rolls-Royce, ou seja, um *ensaio sobre literatura e técnica*: sobre máquinas, mecanismos, repetições e previsões, o poder do artificial e a natureza manipulada, entre o fim do século XIX e a nossa contemporaneidade.

Este ensaio coloca em diálogo quatro textos escritos em circunstâncias muito diferentes. Ao reuni-los e (re)escrevê-los, procuro a unidade do livro, a repetição dos motivos, mas tento respeitar a heterogeneidade dos desafios iniciais: ler um livro de Eça de Queirós, um poema de Álvaro de Campos, um parágrafo de Herberto Helder, uma panorâmica da obra de Gonçalo M. Tavares. Usando instrumentos distintos para compreender cada escrita, testando métodos, inventando caminhos.

*

Resistirei a definir o conceito de técnica. A técnica (tal como a axiologia que a sustenta, o poder que ela confere, o uso nela previsto, proposto, improvisado) dependerá, em cada instante, de uma escrita singular. Por isso, tentarei não subsumir o conceito numa só definição, mas espero redescrivê-lo em cada página, ou diversas vezes no interior de um mesmo parágrafo. Qualquer descrição será sempre circunstancial e efémera.

Se fosse necessário, ainda assim, resumir, diria assim: a técnica não é um objecto, um instrumento, uma máquina, mas sim uma operação que se repete e confere poder sobre o mundo. Nas palavras de Oswald Spengler, «a técnica é a táctica da vida inteira. É a forma íntima do comportamento em luta» (1931: 40). Menos essencialista, Bernard Stiegler propõe: «A técnica (*tekhnè*) designa [...] os saber-fazer. O que não é um saber-fazer? A cortesia, a elegân-

cia, a cozinha são saber-fazer» (1994: 105), e assim também – prossegue Stiegler – a dança, a retórica, a poesia, a palavra.

Acrescentarei apenas que a técnica é um saber-fazer, sim, mas esse saber-fazer implica uma tomada de posição no domínio dos valores. Para que se usa a técnica, por que se recorre ao saber-fazer, como se descreve – dentro da própria técnica – o que ela vale, e que mundo ela inventa? Pois não há técnica sem a invenção de um mundo, uma posição no mundo, a invenção de um gesto: entusiasmo, medo, pequena ordem que se impõe às coisas, inquietação do pensamento.